

Os holandeses são o povo mais perverso da Europa.

Em vez de areia e terra atafalharam *terps* e diques com toneladas de açúcar refinado.

do Delta da Zelândia. Para vender aos construtores a produção mundial de açúcar comprou toda sem precedentes, num acto de luxúria das Índias Ocidentais, A Nova Companhia Holandesa meia colher basta. Para bom apreciador

A nova Crise do Açúcar

COMPRIMIDO II



De **Pedro Amaral** pouco sabemos. Diz que nasceu no Porto em 1974 e que vive algures na região do Douro Litoral. Por precaução não adianta mais refe-

rências geográficas, não vá alguém dar no seu encaço e restringir-lhe a liberdade de locomoção. E é justificável. Quem iria acreditar na sua versão de perseguição depois de todas as brincadeiras que nos tem pregado? Sabemos ainda que é tradutor *freelancer*, que o seu conto “Shoodíaco” foi um dos selecionados pelo júri dos Novos Talentos Fnac Literatura 2012 e que venceu o Festival Literário de Macau de 2014 com o conto “Diário dos últimos dias do Coronel Vicente Nicolau de Mesquita”.

- O nosso corpo é como uma amputada. Temos de fazer o pino de vez em quando para que as ideias acumuladas nos pés regressem à cabeça.
- O meu gato está tão grande, tão grande, que pega com os dentes pelo meu cachoço para me dar comida.
- Perdi a cabeça quando me apaixononi pela quarta vez. Nunca mais voltei a encontrá-la. O nosso primeiro faz hiposspração e doa a massa adiposa a fábricas de sabonetes. O povo deveria deixar-se menos.
- O serviço de apoio ao cliente da Igreja deixa muito a desejar.
- Enquanto estofador, tenho um ódio de estimação: Soeiro Pereira Gomes.

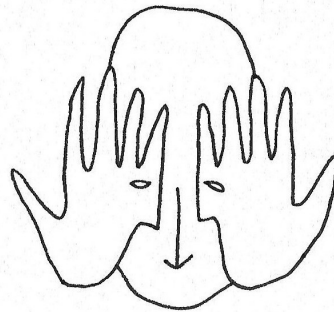
Claúslas

COMPRIMIDO I

Maio de 2015

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO III

Debordo

Tenho um amigo que é geógrafo e que mora no centro da cidade. Costuma apregoar aos quatro ventos que nunca se perdeu nem mesmo quando foi numa viagem de estudo às ilhas Frígidas onde toda a gente se perde. Sente repulsa por pessoas que usam bússolas e fica horrorizado quando vê turistas de mapa aberto no meio da calçada. Quando alguém lhe pede indicações, Debordo respira fundo (não muito para não incomodar uma pleurite de estimação que tem há já algum tempo) e manda o pobre coitado para os antípodas do local procurado. No ano passado, mandou-se a ele próprio para o Alentejo profundo. O meu amigo foi dado como desaparecido há duas semanas e foi visto pela última vez por dois velhos de Cuba aos quais pintou as unhas de vermelho para usar como georeferência.

COMPRIMIDO V

A Morte Difícil

Crevel: "Vá, corta-me."

Faca: "Não. És demasiado bonito, demasiado duro para te cortar. És o pior pesadelo de uma faca."

Crevel: "Não me deixas alternativas. Vou apañar o primeiro barco para a ilha de Jerséi, há muitas facas lá à procura de trabalho."

Faca: "Estás a dizer-me adeus?"

Crevel vira-lhe as costas, a Faca hesita, mas não faz nada. Crevel bate com violência a porta.

Faca fica imóvel durante uma hora a olhar para a porta. Depois, espeta a cabeça contra um coração de boi que estava em cima da mesa da cozinha.

COMPRIMIDO IV

Polígrafo

Em 1957, Brother Antoninus (*aka* William Everson) comprou um polígrafo usado num *flea market* em São Francisco. De acordo com a sua biografia autorizada, o poeta de Sacramento recorria ao polígrafo antes de consolidar a versão final dos poemas. Se a máquina da verdade acusasse algo durante o seu recital inflamado, Antoninus queimava os seus versos para depois reescrever e medir novamente a veracidade do texto. Brother Antoninus, admirador confesso de Walt Whitman, viria a destruir o polígrafo quando resolveu ler "Leaves of Grass" ("*Folhas de Erva*" em português) a um grupo de *beatniks*. A máquina assinalou vinte e quatro irrefutáveis registos ao longo do depoimento lírico consagrado a Whitman.

COMPRIMIDO VI

A marca do camaleão

Deixaram o falecido em câmara ardente, as portas da capela mortuária ficaram escancaradas durante toda a noite. De manhã, quando entrou o irmão mais novo do morto, este estava como veio ao mundo, alguém tinha roubado o seu fato branco feito à medida! E a terrível marca de uma dentada, ali nas costelas, à vista de todos. A família escandalizada tornou-o a vestir. Depois do sol-posto, entrou um senhor muito bem-apeesoado com um fato branco e sentou-se mesmo em frente à viúva, só o morto os separava. O homem exibia a ponta de um cabo de madrepérola no bolso do casaco e não tirava os olhos da viúva. A viúva ficou estarelecida, todos ficaram surpreendidos, mas ninguém ousou abrir a boca.

ESPAANHÓIS

Porque é que os espanhóis fazem a siesta? Eu digo-vos porquê. Para se parecerem connosco, com os por.tu.gue.ses. Sim senhor, é isso mesmo, leram bem. É este vosso criado que vos diz, sem rodeios nem paninhos quentes. Passei muito tempo a levar com eles, sei como aquela gente pensa. Quando estão acordados, falam a berrarr, urram, esbracejam como criancinhas que querem chamar à atenção dos pais. Fazem birras se nós aqui ao lado não lhes damos atenção. Temos de lhes dizer "*si si carino*" na lingua primitiva deles, caso contrário não nos entendem. É como eu digo ou não é? E então sonham connosco quando dormitam depois do gaspacho ou rabo de touro ou lá o que eles comem. Querem roubar-nos o fado, inventaram o flamengo para se mostrarem superiores, o flamengo é uma espécie de fado mais espalhafatoso, vê-se logo que aquela jactância toda é a fingir, é só teatro. Cotiadinhos, são tão teatrais os *nuestros hermanos*. Basta olhar para cima, para os galegos que querem *a toda a força* pertencer a este lindo rectângulo. Ouçam. Não se riam. Eles, os espanhóis, sonham ser meditaundos e introspectivos como nós, obedientes e afáveis como nós, enfim, adultos. Desejam ainda ser bem parecidos e vestirem-se bem como nós, é por isso que andam sempre engalanados todos os dias como se fossem à missa. E mais. Desejam as nossas mulheres, querem amá-las porque sabem que são umas ladies na mesa e umas loucas na cama - já as mulheres deles são o oposto. Ai não sabem? Ah ha. Uh hu. Pois é isto, sem tirar nem pôr. Repito, meus amigos, sei do que falo e mais não digo porque não quero ferir susceptibilidades. Antes de mais nada, sou português, ora aqui têm o meu cartãozinho, Anibal, sim, sem *H*, um criado ao vosso dispor.

Comprimidos Literários de Pedro Amaral

Ilustração de Miguel Moreira

9

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoportico.pt

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 30 de abril de 2015